

# O AMIGO DA PAZ.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem receber-o na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2\$000 reis por trimestre ou serie de 6 números.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno II.

Theresina 14 de Outubro de 1869.

Numero 27

## Transcripção.

### O Rei e o partido liberal.

(Continuação do n. 26.)

Ha 29 annos que o 2.<sup>o</sup> Rei do Brasil exerce a sua autoridade. Ha egual periodo que não cessa elle de provar ao partido liberal quanto errou em contar com esse elemento para manutenção das liberdades publicas.

Desde então o paiz só conhece um poder independente e soberaneiro: é o poder moderador: todos os outros, bem longe da independencia que lhes é attribuida, tem estado avassallados vergonhosamente á unica vontade, e ao capricho daquelle.

E o poder moderador é o absolutismo pratico, e tão transparentes e improprios lhe são os andrajos democraticos que o adornão, que nem se quer uma illusão se nutre já de que tenhamos outro poder que não aquelle.

O partido liberal tem passado pelas mais dolorosas provações.

Foi trahido immediatamente.

E para maior martyrio é calumniado de continuo.

O erro fatal de 1840 não tardou em ser comprehendido.

• Mal triumphava (é ainda T. Ottoni quem falla) a maioria, e já sobravam razões ao partido liberal para se arrependere de havê-la iniciado.

• Podia cobrir a cabeça mesmo no dia do triumpho.

• Ainda resoavam os vivas da festa, e já o governo pessoal se inaugurava....

• A doutrina do governo pessoal decorria naturalmente do precedente estabelecido.

O Rei quizera embalar o partido liberal com a nomeação de 5 ministros, do seu primeiro ministerio, tirados dentre os que proclamaram a maioria, e onde figuravam os respeitaveis vultos liberaes Antonio Carlos e Martin Francisco.

Mas não pôde illudir assim esse partido, de então até hoje atraído, desde que completou esse ministerio com um personagem que havia tomado a si a organização, e que era o chefe dos batedores palacianos.

E como este, tem sido todos os ministerios neste reinado, sempre que aos liberaes não pôde ser tirada a direcção dos negocios.

E' porisso que a vontade do partido liberal não tem podido ser realisada, porquanto, sempre que o Rei não pôde deixar de aproximar-se dos liberaes, lhes ajuncta logo um *antidoto* que nullifica-lhes a acção.

Os amalgamas ministeriaes tem sido o correctivo disfarçado com o qual o Rei tem sempre procurado neutralisar o effeito das tendencias democraticas; e quando, em razão dessas monstruosas organizações de ministerios, nada tem sido possivel realisar durante o que se tem chamado *dominio dos liberaes* (oh! que escarneo!) é o proprio Rei que pergunta— porque o não fizeram quando tiveram o poder?

O poder!

Esse primeiro ministerio da maioria teve a sorte que o organisador lhe preparára: foi de ephemera existencia: dissolveu-se dentro do seu primeiro anno de existencia, e foi então substituido por outro, de elementos homogeneos, de retrogradados conhecidos, e que desde logo, fazendo pratica a theoria do absolutismo com constituição o Rei *reina e governa*, tractaram de reedificar sob bases mais solidas a guilhotina em que deveriam perecer praticamente todas as promettidas garantias.

Não se fez esperar a retrograda lei de 3 de Dezembro, a qual suplantando indecente, mas calculadamente, todas as doutrinas do codigo do processo, habilitava o reinado absoluto com as armas necessarias para subjugar o povo, isto é, o partido liberal

O espantallo necessario a encobrir os desmandos da corôa, e que estava já abolido pela unica constituição legitima do Brazil, que é o acto adicional, foi restabelecido por lei ordinaria.

De taes arrojões de despotismo, consequencias inevitaveis e terriveis eram indeclinaveis.

O massacre dos liberaes em Minas e S. Paulo não se fez esperar.

E o povo que alli se levantou em massa para protestar, como o povo sabe, pôde e deve protestar, contra os desatinos do poder, e contra a traição e má fé dos dominadores, foi levado de vencida, e assassinado pelas bayonetas do Rei, ao mando do seu *invicto* Caxias, vencido em Sancta Luzia, e que salvo por soccorro imprevisto, aqui se appresentou triumphante e orgulhoso, dando conta das victimas que havia feito *em bem da ordem!*

O gozo dessas *glorias* alcançadas contra o partido liberal, acontecimentos estranhos vieram perturbar.

A Europa se agitava, e as idéas democraticas triumphavam no velho mundo.

A França repellia de si o rei que a trahia. Egualdade, fraternidade e liberdade, eram as inscripções da bandeira que dominava.

E as testas coroadas estremeceram.

A revolução veio dar algum alento, e esperanças ao partido liberal no Brazil: e o Rei, sempre o mesmo, procurou refugio e segurança no seio desse partido!

Tivemos, pois, o ministerio, de que foi chefe o distincto e honrado brasileiro Paula Souza.

Pareceu, pois, então, que a realza buscava humanisar-se, consorciando-se com a democracia.

E os liberaes erraram ainda, acreditando nisso, e acceitando o governo,

Cêdo, porém, se desenganaram.

Nenhuma medida reclamada pelas necessidades do povo, e para segurança de sua liberdade, pôde ser realisada.

O que escapava dos *conselhos* do Rei, baqueava no senado, séde perenne da oligarchia, e sustentaculo acerrimo das prerogativas do poder moderador, e dos interesses, ainda os menos confessaveis, do partido retrogrado, o qual tinha e tem ainda alli, o seu quartel general, que é agora reorganizado a todo transe, e a despeito de quanto ha de honroso, decente, e digno.

Paula Souza não supportou a mystificação, e menos ainda a tolerou, quando se convenceu de que, ao passo que se lhe mostrava a melhor vontade, se tramava sem reboço o seu descredito, como governo, para o que bastava a não realisação das suas idéas.

A revolução franceza, porém, tomára em 1848 diverso character, os liberaes, lá, como aqui, se deixaram mystificar, e o poder de Napoleão III, o mais audaz dos despotas conhecidos, se manifestára.

Novo animo, coragem maior veio disso aos retrogradados do Brazil, e o Rei desde logo se suppóz habilitado a despedir os liberaes do poder, e entregá-lo aos seus *homens da ordem*.

A despeito de ter o ministerio liberal grande maioria na camara, a despeito de ser vigorosamente apoiado e de não lhe faltar nenhuma prova de confiança, foi substituido, quando menos esperava e contra todos os estylos do systema representativo.

O ministerio de 29 de Setembro de 1848 appareceu *livremente*, e a elle o Rei nada negou que podesse servir á mais infrene reacção contra os liberaes.

O povo de Pernambuco reagiu contra a inaudita perseguição que lhe foi feita para extorquir se-lhe 2 senadores. Era Tosta o presidente audaz e rancoroso a quem se commettêra o exterminio do partido liberal; e a seus actos, do mais desastrado despotismo, se deveu o horroroso massacre que alli teve logar, e do qual resultou, entre muitas perdas lamentáveis, a do leal, corajoso e honrado patriota, Nunes Machado.

Para mais segurança dos dominadores, consentiu a corôa na militarisação do paiz, ou antes na escravisação do povo pela nefanda lei da guarda nacional que ainda hoje rege.

A estas seguiram muitas outras, que ainda mais amesquinham o paiz.

Só assim poderam os dominadores, e sempre protegidos pelo Rei contra o partido liberal, manter-se no poder durante os fataes 14 annos, cujos acontecimentos não cabe neste resumido esboço mencionar.

O partido liberal não pôde ser de todo suplantado: seria necessario para isso supplantar o paiz inteiro.

Foi tomando novo alento. E não pouco concorreram para isso os seus entusiastas então, Salles Torres Homem e Paranhos.

Era indispensavel, portanto, achar um meio qualquer de o illudir ainda, e em falta de outro vias proclamada a CONCILIAÇÃO, acompanhada das fallazes *moderação e justiça*.

Encarregou-se dessa especulação o marquez de Paraná, o qual fallando ao interesse pessoal, excitando a cobiça, prometendo elevadas posições, etc., conseguiu famosas transformações; o illustrado escriptor do *Timandro*, converteu-se em dedicado sem limites ao Rei, e o defensor acerrimo da revolução de Pernambuco em subserviente aos dominadores; ambos humildes beijaram a mão do Rei, e se pozeram a seu soldo, do qual até hoje tem gozado, distinguidos sempre, como os mais amados favoritos.

E' assim que o Rei auctorisava e acoroçoava a deserção das fileiras liberaes!

Parece que tem queda pelas deserções, como ainda ha pouco aconteceu em relação a um *notavel* general, distincto por orgulhosa ignorancia, e que havendo deixado imbecilmente escapar o inimigo, que lhe estava entre as mãos, e munindo-o ainda do armamento necessario, *que deixou abandonado no campo*, (·) teve em premio dessas gentilezas não só o esquecimento da *falla* commettida, como mais o ser condecorado *excepcionalmente*, e elevado á cathogoria de—*querido e prezado primo*.

A conciliação era tambem um castigo imposto aos partidarios re'rogrados, que não se prestavam á transigencia absoluta com as vontades do Rei, e que por isso deviam soffrer uma moderada e *paternal* correccão, applicada, porém, com tal arte, que desmoralizando igualmente o partido liberal, obstasse assim a que este ganhasse com o desgosto, e soffrimento do adversario.

Convinha isto ao Rei.

Euzebio, conservador audaz, fiel a seus principios, mas que respeitando-se, não se amoldára ao triste papel de subserviente, foi lançado á margem. O proprio conservador, para sustentar-se não pôde nem deve ter vontade. Era mister, portanto, que o partido, que servia de guarda immediata, e humilde do Rei, conhecesse a esphera limitada em que podia gyrrar, esphera que se restringe á só e unica vontade irresponsavel.

O Rei queria, e quer uma sociedade a seu geito, e a que elle conseguiu foi bem definida por um publicista insuspeito, um dos mais notaveis jornalistas dessa época, e dos mais acerrimos sustentadores da reacção contra o partido liberal.

Dizia elle: « Na sociedade organizada pela reacção (conservadora) a influencia da localidade desapareceu, tudo partiu do governo, tudo ao governo se ligou, o governo foi tudo e tanto que hoje não ha brasileiro que mil vezes por dia não manifeste a convicção de que a sociedade está inerte e morta, e que só o governo vive: o governo é por todos invocado até quando se quer, para divertimento da capital contractar cantoras e bailarinas. »

E governo é synonymo de Rei, como os factos o demonstram!

E para chegar a um tal resultado, servira-se o Rei das suas fallazes promessas aos Andraças, e aos liberaes, ligando-se com elles na revolução da maioridade!

O plano, porém, confiado ao marquez de Paraná, foi além das previsões conservadoras.

Tal era o dominio dos oligarchas no paiz, que, para favorecer a entrada no parlamento de alguns liberaes, foi indispensavel adoptar, com offensa da constituição do primeiro Rei, o systema da eleição por circulos.

Só assim poderam ser ouvidas na camara dos deputados vozes liberaes.

O partido liberal foi tomando alento, e, ajudado pelo governo com as leis compressoras de credito, atropelladoras da liberdade de commercio bancario, manifestou desejos de governar.

Ainda foi um erro que esse nobre partido commetteu. Os seus chefes na Côrte, guiados sempre pelo coração, procuraram libertar os seus correligionarios das provincias do jugo insupportavel que os opprimia.

A conciliação, bem como a lei dos circulos, havia plantado a discordia entre os conservadores. Não podiam estes continuar a governar, e parecia portanto *chegada a vez*, na phrase de um estadista notavel, de governarem os liberaes.

O Rei observava o movimento e estudava os meios de illudir a nova situação que se levantava.

Derrotado o gabinete conservador na camara em 1863, retirou-se elle; e não podendo fugir de satisfazer a opinião que lhe impunha o governo liberal, consentiu o Rei na formação do gabinete presidido por Zacarias de Góes e Vasconcellos, e de que fizeram parte José Bonifacio, e outros notaveis liberaes.

A camara, porém, não estava constituida de modo a offerecer segurança a nenhum governo. A immoralidade que o 1.º reinado plantára e que com esmero continuou a ser cultivada no 2.º, dava seus fructos.

Uma tal camara devia ser dissolvida.

O Rei, porém, não o consentiu: pretendeu, expondo o novo gabinete a uma derrota immediata, convencer de que os liberaes não podiam ser governo.

E esse gabinete teve de retirar-se no 1.º oitavario de sua existencia, ante a 1.ª votação de confiança, e que lhe foi contraria.

E' o que desejava o Rei para mystificar a nova situação.

Para conservar a camara, mantendo os conservadores em seus postos, organisou, *sempre livremente*, um gabinete sem expressão politica!

E desnorteadas marcharam as cousas publicas até que a força das circumstancias determinou a passagem do governo para o partido liberal.

Foi assim organizado um novo gabinete, mas nelle encartou o Rei alguns ministros, que só para o serem, se mostraram, liberaes; e tanto assim, que hoje os vemos com pasmo, no campo dos reactores indecentes que se levantaram sedentos de vinganças, e aturdidos pela cubiça de empregos e de riqueza, no dia lugubre 16 de julho de 1868.

O ministerio, porém, propôz-se á realização de algumas idéas liberaes.

Nada conseguiu.

O senado lhe oppozera seria barreira, e o Rei por sua parte obstava ao mais insignificante desejo desse ministerio para o qual tudo foi difficil, especialmente o que concernia a montar o partido liberal.

O Rei, porém, conseguiu o que queria: a perda de força moral desse gabinete, cuja acção o mesmo Rei entorpecera, animando entretanto os ministros a que proseguissem em seu empenho!

As nossas relações com as republicas do Prata tinham attingido a uma desgraçada situação.

Os negocios estrangeiros, de que só se tem conhecido um ministro, e permanente, na pessoa e na vontade do Rei, achavam-se aggravados pelos erros palmares commettidos, com o proposito firme de desacreditar os governos republicanos, e assim fazer realçar a instituição monarchica na America.

A guerra com os Estados do Prata era inevitavel consequencia desses erros accumulados.

E porque se achava na administração um gabinete liberal, o Rei apressou essa guerra para salvar da enorme responsabilidade o seu partido, e fazer pesar a odiosidade do mundo contra os liberaes de Brazil.

E a obra dos conservadores ficou por tão fementida estrategia a cargo do partido liberal, que ainda esta vez foi victima da sua lealdade e patriotica dignidade.

(Continúa.)

## Correspondencia.

Peracuruca, 3 de setembro de 1869.

Sr. redactor do « Amigo do Povo ». — Pelos seus judiciosos e elegantes escriptos, que sempre leio com

(·) O conde d'Eu o afirma em um despacho official.

summo prazer, tenho comprehendido que S. S. não sympathisa nada com a forma de governo monarchico hereditario, considerando-a, aliás com sabio fundamento, como uma especie de aviltante captiveiro.

E, com effeito, uma nação politicamente constituida, sujeita à herança de uma familia, é uma *feitoria* de escravos!

Porém, meu charo Sr. redactor, nós vamos cada vez de mal a peor! Essa raça privilegiada e feliz, que julga ter imprescriptivel direito á herança dos povos, cada vez se multiplica mais.

Veja o que aconteceu o anno passado de 1868:

Morreo o rei da Baviera, Luiz 1.º na idade de 92 annos; porém nascêrão—o principe real da Grecia, 1 principe da Prussia, filho do principe real, e o principe herdeiro de Hohenzollern-Sigmaringen.

Morreu o duque José de Saxe-Coburgo, com 79 annos; porém nascêrão dois archi-duques da Austria, filhos do archi-duque Carlos Luiz da Austria, e do grão-duque de Toscana.

Morreu o duque Ernesto de Wurtemberg, com 61 annos; porém nasceo um grão-duque da Russia, filho de Czariwitz.

Morreo o Land-grave Carlos de Hesse-Philipsthal com 59 annos; porém nasceo o principe de Teck.

Morreo o conde Hugo de Lippe-Weissenfeld, com 59 annos; porém, nascêrão dois principes de Hesse.

Morreo a princeza Emma de Schaumburgo-Lippe, com 76 annos; porem nascêrão—1 principe de Liechtenstein—1 principe de Schaumburgo Lippe,—1 principe de Oldemburgo—1 archi-duqueza da Austria, Maria Valeria (nascida em Pesth), e 1 princeza real da Inglaterra.

Já vê pois que, esta Emma, ficou bem substituida.

Morreu a condessa Gustava de Lippe-Weissenfeld com 49 annos; porém nascêrão—1 princeza real de Anhalt, e 1 dita de Mecklemburgo Schwerin.

Alem disso morreu, moralmente, Isabel de Bourbon, (a camisa benta)—nascêrão mais para substituil-a e para alguns *quebrados*,—1 princeza da Baviera, 1 dita de Oldemburgo, 1 infanta de Hespanha, filha de D. Carlos, e 1 condessa de Lippe-Weissenfeld!

Desta forma, nem a morte, pode com semelhante casta de gente! A thesoura da parca, no anno de 1868, tirou uma bôa trincha; porém de que servio, se as *forjas de Vulcano* são incansaveis em fazer substitutos! Veja agora, daqui a uns annos, o que não terá sahido das seguintes *forjas*, que se montãrão na Europa, no citado anno de 1868.

Casou-se o grão-duque de Toscana, Fernando IV, com a princeza Alice de Parma.

Casou-se o principe real da Italia, Humberto, com a princeza Margarida de Saboya, sua prima.

Casou-se o grão-duque Frederico Francisco II, de Mecklemburgo Schwerin, com a princeza Maria de Schwarz-burgo-Rudolstadt.

Casou-se o archi-duque Henrique da Austria, com Leopoldina Hoffman.

Casou-se o duque Nicoláo de Wurtemberg, com sua sobrinha, a princeza Sophia da Baviera.

Casou-se o conde Affonso de Casêrta, principe das Duas Sicilias, com sua prima Maria Antonieta, condessa de Trapani.

Casou-se o conde Caetano de Girgenti, com a infanta de Hespanha, Isabel de Bourbon.

Casou-se o principe Luiz da Baviera, com a archi-duqueza Maria Theresa d'Este.

Casou-se o principe Nicoláo de Nassau, com a condessa de Meremberg, Nathalia de Dubell!

Estamos perdidos!

Em 1868, mais dez fabricas montadas na Europa!

Aonde irá isto parar?!

Quasi que perdi as esperanças de vêr o genero humano alforrear-se!

Adeos, Sr. redactor, até outra vez.

Seu constante leitor e apreciador sincero,

O Grego velho.

## Parte Noticiosa.

**Piauhy.**—Sob esta epigraphe, lê-se no numero 51 do *Liberal do Norte*, um dos distinctos orgãos do partido liberal da provincia do Rio Grande do Norte:

« Dos jornaes vê-se que os conservadores dessa provincia são os mesmos de toda parte. Cegos de odio contra o illustrado Dr. Deolindo Mendes da Silva Moura, redactor da *Imprensa* (jornal), e não podendo tirar uma vindicta honesta, acabam de manejar a arma da calumnia contra aquelle doutor, buscando feril-o no que ha de mais sagrado para o homem, a sua honra.

«Esse cidadão, que occupava o lugar de inspector da thesouraria provincial, foi uma das victimas da *historica* derrubada, e os conservadores do Piauhy lembraram-se de arguir-lhe o crime de peculato, pelo que metteram-no em processo.

«Sentimos ser muito extensa a defesa publicada no n.º 206 da *Imprensa*, porque não a podemos transcrever.

«Enviamos ao Sr. Dr. Deolindo os nossos parabens pela vantagem que levou aos seus desleaes adversarios, mostrando á toda a evidencia onde está o verdadeiro criminoso, que agora se acoberta com o *prestigio* da politica dominante para occultar seu crime, ferindo aquelle que, sobre ser innocente, talvez lhe tenha feito bons favores.

«Em taes condições, Sr. Dr. Deolindo, é uma providencia semelhante acontecimento: dá lugar á defeza, e põe a innocencia a salvo dos tiros surdos.

«Acceite S. S. um brado de animação de quem só lhe conhece o brilho da idéa, e continúe a pugnar pela santa causa da liberdade, que se prende, no passado ao evangelho, no futuro á felicidade dos povos.»

Receba o illustre Sr. Dr. Deolindo nossas felicitações por essa espontanea e mui valiosa manifestação que lhe foi feita fora de sua provincia: sirva-lhe

ella, quando menos, de limitivo ás tropelias que tem soffrido e continúa a soffrer em seus direitos, tão vilmente conculcados pelos seus mesquinhos adversarios que hão abusado escandalosamente da posição em que os collocára a dictadura.

**Timandro.**—O illustrado *transfuga*, Francisco de Salles Torres Homem, depois de bem zurzido pelas habilissimas pernas dos denodados redactores da *Opinião Liberal*,—afinal RESIGNOU o cargo de presidente do banco do Brasil; sendo substituido pelo Sr. conselheiro José Pedro Dias de Carvalho, vice-presidente.

Ainda bem! Timandro quiz mostrar com aquelle seu acto que ainda é susceptivel de pejo. . . .

Deos queira que seu amo Pedro II lhe imite o nobre exemplo, e resigne tambem o seu honroso cargo.

**Quadra senatorial.**—Fizemos a seguinte, inspirados pelo segundo artigo de fundo do *Tribuna* n. 21 de 24 de agosto:

« Que é feito do cavallo de Caligula;  
« Aquelle excellentissimo *Incitato*? . . .  
—Resuscitou, depois de muitos annos:  
—E' hoje, no Brasil, *Sayão Lobato*.

**Mons parturiens.**—Depois de 65 dias de *vista*, o promotor publico deu a sua *promoção* em um dos processos do Sr. Dr. Deolindo Mendes da Silva Moura.

*Post tantos, tantosque labores*, o orgão da justiça achou afinal alguma cousa, algum sophisma *bem trabalhado*, para exarar nos autos.

A montanha. . . . pario!

Consta-nos que o Osorio dêra grande cavaco, na sua *mimosa* promoção, por ter o Dr. Deolindo, na sua defeza, *desrespeitado* o governo do paiz.

Que lembrança! Este menino é de *esperanças*. . . .

**Juiz municipal.**—Na tarde do dia 9 do corrente—assumio o exercicio d'aquelle cargo o Sr. Dr. Newton Cesar Burlamaqui.

**Exame.**—Hontem, das 10 horas da manhã ate ao meio dia,—teve logar, no juizo municipal, o exame do cavallo com que João *Senfim* de *Silin* LOGRÁRA ao pobre Marciano; de quem houve,—por um negocio todo aciganado—aquelle excellente cavallo de que já fallamos em o noticiario do n.º pasado deste periodico, sob a epigraphie *Impostura*.

Do exame resultou que o cavallo que *Senfim* baldrocou—foi reconhecido como espaduado, conforme já dissemos que o era: alem disso verificou-se que, o referido, soffrêra de *mormo* e que não podia valer mais de 20 a 25\$000 reis; havendo por tanto um LESO de 35 a 40\$000 reis, visto que o dito cavallo fôra dado a preço de 60\$000 reis.

Teremos occasião de ainda voltar a este assumpto.

**Governador de Moka.**—O velho Theotônio de Suza Mendoza, *tio de seu sobrinho* Simplício Engole Leis,—consta-nos que se occupava lá no Morro das Araras em arredondar *bolinhas de cera*—entre os dedos parecidos com cabeças de lagartixas: depois que passou a governador desta pobre terra,

tem-se occupado em amassar leis,—como se estas fossem fabricadas por tiubas e uruçús.

Irra, velho demente ou maniaco!

Deixa as leis; e volta ás *bolinhas de cera*. . . .

**Os novos Deoses?**—Soubemos que um pobre guarda nacional destacado—fizera um dia destes a seguinte critica ao partido que ora se acha no poder:

« Quando os liberaes governavão—as calças dos soldados rasgavão-se pelos côses, pelas bainhas, pelas costuras, &. Agora, em oito dias, as calças se rasgão pelos lugares dos joelhos!»

Levantem-se, homens! Lancem os *idolos* por terra: só se deve adorar ou supplicar humildemente ao VERDADEIRO DEOS.

**Ao Sr. fiscal.**—Attenda S. M.<sup>ce</sup> para o que se passa nos portos desta cidade, onde ha lugares em que não se pode apanhar boa agua potavel. Os trabalhadores do tal *talud* das Arabias, com honras de Arapahy,—segundo nos consta, alem de estarem *fabricando uma cambôa* junto do vapor que está em concerto; accresce que deitão alli perto—quanta immundicie lhes apraz.

**Bom professor.**—Affirmão-nos que o professor substituto, de 1.<sup>as</sup> letras, da villa de Marvão pronuncia—*fabúlas*—e *proólogo*—em vez de fábulas e prólogo!

Uma oração fúnebre—chama-se *historia bonita*, segundo o mesmo professor: o jocoso é para elle—*caso triste*!

**Marvão.**—Nesta localidade, tendo sido processado caprichosamente, por injurias, Genuíno Osman,—acaba elle de triumphar da prepotencia policial: seu processo cahio por nullidade, perante o juizo de direito da comarca.

Ainda bem que a justiça não desapparecêo de todo da face da terra onde *Vaes-con-sella* é senhor de baração e cutello.

Houve quem communicasse, álguem desta cidade, que as diarias que a provincia concede aos presos pobres—soffrem, nos dominios feudaes do terrível *Vaes-con-sella*, uma certa operação que rende a um certo *financeiro* nunca menos da 4.<sup>a</sup> parte da mingua-da ração dos presos!

**União.**—Nesta villa, onde presentemente se está festejando a Padroeira, Nossa Senhora dos Remedios, consta-nos que se acha o Sr. Filinto E. F. de Moraes, com um *circo de cavallinhos*, que tem sido muito concorrido; *montando até mesmo, nos cavallinhos, muitas das mais gradas pessoas do logar*—para animar as artes,—como bem:

O juiz municipal supplente, Fernando Lobão.

O presidente da camara, Custodio do Rego.

O delegado e supplentes do mesmo: Custodio do Rego, Clemente Fortes e Candido Coutinho.

O collector Benedicto do Rego.

Viva o progresso! Progresso synonymo de crescente civilisação; e não—partido da liga e progresso—a que, alias, aquelles senhores adherirão *in illo tempore*. . . .